

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Juciliane Alves Toebe

Licenciada em Pedagogia e Pós-graduada em Educação Especial, professora da APAE – Laranjeiras do Sul, jucilianetoebe@gmail.com.

Monica Cristina Metz

Doutora em Letras, professora na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, monicametiz@gmail.com.

Eixo 2: Educação, Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão.

RESUMO: Esta pesquisa tem como tema as dificuldades relacionadas à aprendizagem de crianças surdas com Transtorno do Espectro Autista. O objetivo geral deste trabalho é compreender as especificidades do processo de alfabetização de surdos com transtorno do espectro autista, por meio de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Para isso, os objetivos específicos consistem em: a) Realizar um mapeamento dos estudos realizados sobre alfabetização de surdos com transtorno do espectro autista; b) Discutir sobre as especificidades do processo de alfabetização de surdos com transtorno do espectro autista. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, tendo como referências principais os seguintes autores: Lima (2006), (Costa; Lione, 2006), (Calado, 2012), dentre outros. As discussões realizadas possibilitam concluir que no contexto da educação inclusiva, ainda são pouco os estudos que analisam as políticas voltadas ao atendimento de pessoas surdas autistas. Embora a existência desse público seja uma realidade, ainda são poucas as instituições que oferecem atendimento adequado para este público. Os resultados aqui obtidos apresentam segundo especialistas os níveis de autismo, Leve, moderado e severo, é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento na comunicação, comportamento e meio social. A surdez caracteriza-se pela perda irreversível ou parcial da audição. Em alguns trabalhos encontrou-se métodos de alfabetização como: ABA, CAA, TEACCH, que ajudam alunos com transtorno do espectro do autismo e com surdez, estes métodos auxiliam os alunos a compreender melhor o meio em que vivem, tanto no âmbito escolar como o social, tendo uma vida mais digna e inclusiva.

Palavras-chave: Alfabetização; surdez; autismo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa tem como tema as dificuldades relacionadas à aprendizagem de crianças surdas com Transtorno do Espectro Autista. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é, segundo especialistas, uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento da

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

comunicação, interação social e comportamental, considerando os seguintes graus de autismo nos níveis: 1 - leve; 2 - moderado; e 3 - severo (Costa; Lione, 2006). Já a surdez é caracterizada pela perda irreversível ou parcial da audição. Quando essas condições coexistem, há uma complexidade ainda maior no diagnóstico e tratamento (Lima, 2006).

Sob essa perspectiva, esta pesquisa pretende responder às seguintes questões: a) Quais as especificidades do processo de alfabetização de surdos com transtorno do espectro autista? b) O que o professor alfabetizador da criança surda autista precisa saber para desenvolver o seu trabalho?

Escolarizar alunos com TEA e surdez consiste em uma tarefa desafiante, requer atenção constante, dedicação e cuidado profissional. Portanto, a tarefa é mais complexa do que alfabetizar crianças que estão em processo de desenvolvimento em ensino regular. Acrescente-se nestes desafios que nem todas as crianças surdas são estimuladas a se comunicar em Libras desde a primeira idade, e acabam não adquirindo nenhuma língua que favoreça sua comunicação, já frágil por conta do autismo.

Pelos elementos aqui mencionados, o problema da pesquisa consiste em compreender as possibilidades de alfabetização de crianças surdas autistas no espaço escolar, respondendo a seguinte pergunta: Que estratégias de ensino permitem aos professores alfabetizadores maior sucesso na aprendizagem de crianças surdas com autismo?

No Brasil, segundo dados do Ministério da Educação, a população surda é de cerca de 9 milhões de pessoas (Brasil, S/D). Sobre a população autista, o número é incerto, embora exista uma prevalência estimada por organismos internacionais, de 1 caso para cada 44 nascimentos. Considerados esses números, no Brasil, estima-se que essa população seja de aproximadamente dois milhões de pessoas. Como a expectativa é a de que a população brasileira esteja perto de 216 milhões de pessoas, possivelmente, a população autista deve estar em torno de 6 milhões de pessoas (Jornal Inclusivo, 2023). Até o presente momento, não foram encontrados dados referentes a pessoas autistas com surdez, mas com base nos indicativos acima mencionados, o número de estudantes que pode apresentar uma, ou ambas as condições, é considerável e provoca impactos na forma como o ensino é oferecido em escolas regulares ou especializadas.

Por esse motivo, é importante compreender como estes estudantes se caracterizam, que demandas específicas exigem, e como as instituições e profissionais podem se preparar teoricamente e metodologicamente para atender esse público. Assim, este trabalho possui como justificativa contribuir para discussão do tema e proporcionar uma síntese bibliográfica

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

sobre a alfabetização de alunos autistas surdos, como forma de auxiliar na busca por alternativas para oferecer um ensino de melhor qualidade para esses estudantes.

A metodologia utilizada é de natureza bibliográfica. Na percepção de Calado (2012), este meio de investigação é realizado através de levantamento de referências teóricas (livros, artigos, teses e dissertações), materiais que já foram analisados e publicados. Como o acesso à biblioteca é difícil, serão privilegiados os meios escritos eletrônicos, e também páginas de web sites. O esforço se fará na procura por referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Calado, 2012).

Trata-se, dessa forma de uma pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo (2001, p. 21) esse tipo de pesquisa consiste em uma investigação que “trabalha com um universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, compreender as especificidades do processo de alfabetização de surdos com transtorno do espectro autista, por meio de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Para isso, os objetivos específicos alcançados consistem em: a) Realizar um mapeamento dos estudos realizados sobre alfabetização de surdos com transtorno do espectro autista; b) Discutir sobre as especificidades do processo de alfabetização de surdos com transtorno do espectro autista.

A INCLUSÃO DE SURDOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

No contexto da educação inclusiva, ainda são escassos os estudos que analisam as políticas voltadas ao atendimento de pessoas surdas autistas. Embora a existência desse público seja uma realidade, ainda são poucas as instituições que oferecem atendimento adequado, o que torna esses estudantes alvo de invisibilidade e negligência (Salvador, et al., 2022).

O Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 define a pessoa surda como aquela que, por sofrer de perda auditiva, compreende e interage com o meio através de experiências visuais. Diferentemente das visões clínico-terapêuticas, que a perda auditiva é focalizada, a literatura mais atualizada sobre o tema entende que a pessoa surda é caracterizada por demandas sociais, linguísticas, culturais e identitárias que a definem, sendo necessária a educação bilíngue para o atendimento de suas necessidades (Skliar, 1998; Cavalcanti, 1999).

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

Para Cavalcanti (1999) os surdos constituem-se a partir de necessidade linguísticas específicas, e são membros de uma “minoría linguística. Skliar (1998) defende que as pessoas surdas se caracterizam por uma cultura específica, e que, por transitarem entre duas línguas (a Língua de Sinais como L1 e a Língua Portuguesa como L2), são pessoas biculturais. Para pessoa com deficiência auditiva sua principal língua é a Libras, por isso, entender sua primeira língua é essencial para que a criança possa, desde cedo, comunicar-se por meio de sua língua natural.

O estímulo desde os primeiros meses de vida e o contato com a comunidade surda são essenciais para que a criança se socialize. Além de se apropriar de sua língua materna, precisa aprender a Língua Portuguesa, que é a língua oficial do Brasil. Nesse sentido, a Lei nº 10.346, de 24 de abril de 2002, também denominada de “Lei de Libras”, estabelece que a Língua Brasileira de Sinais é um meio legal de comunicação entre pessoas que participam da comunidade surda. Trata-se de um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, de natureza viso-motora.

A lei assegura aos surdos que o poder público e empresas concessionárias de serviços públicos garantam a Libras como meio de comunicação. Mas a Lei também estabelece que a Língua Brasileira de Sinais não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa (Brasil, 2002). Já o Transtorno do Espectro do Autismo, conforme a Lei nº 12.764/2012, consiste em deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e interações sociais; padrões restritivos e repetitivos de comportamento, sendo a pessoa com transtorno do espectro autista considerada uma pessoa com deficiência.

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que ainda não tem causas bem-definidas pela ciência. Da mesma forma, ainda não há cura para o autismo.

De acordo com Silva, Passeto e Barcelos (2022), o autismo está relacionado a três eixos principais: a comunicação, a interação social e o comportamento. O autismo se manifesta para cada indivíduo, de forma única, e sofrem alterações a depender das condições ambientais e a existência ou não de comorbidades, da assistência terapêutica recebida, bem como, de estímulos precoces.

França e Barbosa (2020) consideram um dos maiores desafios da inclusão de pessoas com TEA e surdas, a falta de professores que possuam formação necessária e adequada para o atendimento das demandas específicas desses estudantes. Ainda que a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a “Política Nacional de Proteção dos Direitos do Transtorno do Espectro Autista” preveja que obrigatoriamente os alunos com diagnóstico comprovado tenham assegurado o professor de atendimento especializado, na realidade, ainda são muitos

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

os casos em que a legislação não é cumprida, de modo que estes estudantes acabam sofrendo de exclusão e preconceito, não obtendo resultados educacionais satisfatórios.

De acordo com Silva, Passeto e Barcelos (2022), o diagnóstico e as intervenções terapêuticas iniciadas precocemente podem contribuir para melhorar as condições do desenvolvimento e da melhoria da qualidade de vida da pessoa autista. Quanto mais grave for o nível de autismo, maior a exigência de apoio para a execução de atividades rotineiras, como autocuidado, higiene e alimentação.

Pereira et al. (2020) afirmam que a quantidade e variedade de comprometimentos de pessoas com transtorno do espectro autista demandam de diversos tipos de tratamento e protocolos. Dentre eles, a Comunicação Alternativa e Aumentativa – CAA, consiste em um protocolo, que visa compensar, temporária ou permanentemente, o comprometimento da compreensão ou expressão, por meio de negociações de cartões com figuras, com instigações verbais, sendo a interação com os interlocutores o foco principal.

AS ESPECIFICIDADES DO ALUNO SURDO COM TEA NA SUA ALFABETIZAÇÃO

Além de uma tarefa desafiadora, por conta da surdez e autismo, o aluno pode aprender através de sua língua materna primeiramente, por expressão corporal e gestual. A seguir, apresentam-se alguns métodos utilizados no processo de alfabetização de surdos com transtorno do espectro autista.

O método CAA (Comunicação Alternativa Aumentativa) utilizado com alunos do espectro autista e surdez implica na compreensão e expressão através de cartões com figuras e interação. Já o método conhecido como ABA (Applied Behavior Analysis), é conhecido por sua característica de moldagem de comportamento, e por bons resultados na rotina diária e social.

Os métodos ABA e CAA auxiliam alunos com transtorno do espectro do autismo e com surdez, e os mesmos a compreender melhor o meio em que vivem, tanto no âmbito escolar como o social, tendo uma vida mais digna e inclusiva. Mas, esses métodos de nada adiantam se o professor não estiver preparado para aplicá-los.

Muitos professores se deparam com alunos surdos com autismo em sala e a falta de conhecimento sobre este aluno é preocupante, pois o mesmo necessita de um professor para acompanhá-lo e que possa lhe transmitir confiança e segurança nas suas atividades diárias. A busca por pesquisas já concluídas sobre o tema nos permitiu o acesso ao artigo de França e

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

Barbosa (2020), intitulado “Processo de alfabetização de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro do autismo”.

Os autores realizam uma recuperação histórica sobre as origens do diagnóstico de pessoas com TEA, tema que vem sendo estudado desde a década de 1930. Apesar de constatarem alguns avanços, consideram que uma parte da sociedade ainda não reconhece e identifica as principais características da TEA, o que impacta na forma como essas pessoas são incluídas e valorizadas. França e Barbosa (2020) observam que métodos como do ABA são eficazes e contribuem para o desenvolvimento integral de pessoas autistas.

De acordo com Silva, Passeto e Barcelos (2022), a Análise do Comportamento Aplicada – ABA é uma tradução do inglês (Applied Behavior Analysis) que se caracteriza por ser um método de modelagem do comportamento, popularmente difundido pelos resultados alcançados na melhoria da vida diária e rotina social de pessoas com TEA, obtendo melhoras em relação a cumprimentos e cuidados de higiene pessoal e segurança. Outro recurso indicado para a inclusão de pessoas autista é o TEACCH, que, do inglês, significa Treatment and Education of Autistic and related Communication handicapped Children, ou, Tratamento de Educação para autistas e crianças com déficit relacionados à comunicação.

É um programa que envolve tanto o tratamento convencional como o clínico, com abordagem psicoeducativa e transdisciplinar. O programa foi criado em 1966, por Eric Shopler e colaboradores, na divisão de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Carolina do Norte, nos Estados Unidos. De acordo com Kwee, Sampaio e Atherino (2009) o método utiliza recursos visuais proporcionando interações entre pensamento e linguagem para ampliar as possibilidades de compreensão, onde a imagem visual é base para a comunicação.

Tanto o ABA e o TEACCH são eficazes na alfabetização, pois utilizam imagens, ilustrações e desenhos para o desenvolvimento receptivo e expressivo. Silva et al. (2018), no artigo “As tecnologias digitais da informação e comunicação como mediadoras na alfabetização de pessoas com transtorno do espectro do autismo: uma revisão sistemática da literatura”, consideram importante e necessário que os profissionais da educação e da educação especial tenham um olhar diferenciado sobre o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação para o ensino e a alfabetização.

As autoras afirmam que as tecnologias podem se constituir de instrumentos mediadores para a aprendizagem, tanto de crianças como também de jovens e adultos autistas, desde que feitos os ajustes necessários para o atendimento do público a partir das suas características específicas. O método utilizado TEACCH é um programa de atendimento para autistas, que trabalha a comunicação envolve atendimentos na área educacional e clínica,

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

tornando a abordagem de intervenção terapêutica estruturada e didática, tornando o método transdisciplinar, observando o comportamento e a particularidade de cada aluno, o que traz benefícios na compreensão das rotinas escolares, e das habilidades de comunicação.

O preparo do espaço pode ser feito pelo meio de fotos, figuras, palavras, objetos concretos e sonoros que possa indicar o aluno a rotina a ser adotada. Dentre os métodos citados pelos autores está o ABA, se destaca dos demais por ser mais completo, e tem possibilidades de trabalhar não só com os alunos do espectro autista, desenvolvendo trabalho nos primeiros anos até a fase adulta. Todos os métodos são importantes e válidos para permitir condições na base científica e uma melhor qualidade de vida e posteriormente de saúde, na verificação e avaliação feita por parte da equipe multifuncional e neuropsicológica.

Uma importante ferramenta na mediação do ensino na alfabetização de alunos surdos com transtorno do espectro autismo, entre as conhecidas no ambiente escolar o acesso à internet, computadores, tablets, tv, programas relacionados a educação e meios para que os professores possam se adequar as novas tecnologias ajudando no meio educacional tendo a tecnologia como aliada por meio de conteúdos que possam auxiliar no processo de ensino aprendizagem por meio de complemento, com conteúdo e projetos pedagógicos, obtendo matérias uma melhor qualidade de ensino, aprimorando mediação dos conteúdos e promovendo conhecimento.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido com base em pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo (2001), consiste em uma investigação que “trabalha com um universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Sobre os procedimentos técnicos, sua natureza é bibliográfica. Na percepção de Calado (2012), este meio de investigação é realizado através de levantamento de referências teóricas (livros, artigos, teses e dissertações), materiais que já foram analisados e publicados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema deveu-se ao fato de trabalhar na área de educação especial e ter um aluno com estas especificidades. Vivencio as dificuldades em trabalhar e a responsabilidade

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

de buscar e transmitir conhecimento a este aluno.

A alfabetização de um aluno com TEA e Surdez, é uma tarefa extremamente complexa, exige do professor muito cuidado, e que transmita para o aluno confiança e segurança.

O professor deve se sentir amparado para esta tarefa desafiante, ser o mediador de conhecimento para este aluno com especificidades tão complexas, não é uma tarefa fácil, o comprometimento com este aluno vai além dos muros da escola.

Os objetivos e respostas alcançadas deste trabalho sobre como alfabetizar o aluno surdo com transtorno do espectro autista revelou a existência de vários métodos, o mais completo até o momento é método ABA, tratamento baseado em evidência científica, que possibilita o aluno de ampliar sua capacidade cognitiva, na linguagem, interação social e motora deste indivíduo.

Diante das pesquisas representadas neste trabalho, destaca-se a importância de que o aluno surdo autista seja diagnosticado mais cedo possível.

A surdez por si só não é considerada uma deficiência e sim uma diferença, já o aluno surdo autista sim considera-se uma pessoa com deficiência.

Este trabalho mostra as dificuldades enfrentadas por professores que por muitas vezes se encontram despreparados para acolher um aluno surdo com transtorno do espectro autista, que consiste em uma tarefa desafiadora, com muito estímulo, acolhimento, ajuda da escola, equipe multidisciplinar e principalmente da família.

Os resultados aqui obtidos neste trabalho, aponta que o surdo nos seus primeiros meses de vida for diagnosticado e conviva com a comunidade surda, aprenderá sua língua materna que é a Libras e a língua portuguesa que para ele será sua segunda língua.

O surdo autista já enfrenta mais problemas por conta da sua deficiência, existe alguns métodos que foram estudados para sua alfabetização, a tecnologia é a uma das ferramentas permitem que estes alunos através de jogos, aplicativos, no auxílio do aluno com surdez tem o programa Hand Talk, serve como tradutor em Libras permitindo que o aluno tenha mais autonomia no desempenho de atividades do cotidiano.

Os trabalhos deste estudo apontam que embora o aluno surdo com transtorno do espectro autista em suas características e dificuldades peculiares, vem apresentando avanços significativos em relação às áreas que são atendidas pelo educador, como se pode constatar nas pesquisas sobre trabalho dos professores e família, é na instituição escolar e no árduo trabalho dos profissionais da educação que a família revela que vê a oportunidade ao aluno desenvolver-se nos aspectos de interação com outras pessoas, além do grupo restrito com o

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

qual convive.

Contudo, é importante ressaltar também que o trabalho do professor se torna eficaz e conquista resultados favoráveis quando há a interação entre os demais sujeitos que fazem parte do dia a dia desta criança, como funcionários da escola, atendentes que auxiliam nos cuidados com as crianças, bem como a família.

Os desafios encontrados pelos professores e as demais pessoas em contato com este sujeito surdo autista podem ser superados a partir do momento que o professor como mediador cria laços afetivos e possibilita a interação e entendimento do mesmo sobre o seu comportamento, bom lembrar que a maioria das famílias demonstra preocupação em auxiliar neste processo de ensino aprendizagem, assim proporcionando situações que contribuem para a formação social e educacional, procurando seguir as orientações que a equipe multidisciplinar da escola lhe repassam, dentre elas, a equipe pedagógica.

Já em relação ao trabalho interdisciplinar da equipe de profissionais que atendem este aluno, vem sendo realizados esforços para a discussão e reflexão acerca das necessidades e dificuldades que o aluno apresenta e dos avanços que apresenta, tanto no que se refere à forma de se comunicar como na demonstração de comportamentos, como a obediência de regras e limites e na expressão daquilo que lhe chama atenção e o que desmotiva em seu desenvolvimento.

O atendimento do professor no seu papel vem superando os desafios junto ao desenvolvimento deste aluno surdo autista, confirmando a importância da família e a função do profissional da educação para que a criança com autismo e surdez possa desenvolver sua alfabetização tão necessária no desenvolvimento cognitivo e afetivo, como também na linguagem e comunicação, para o desenvolvimento humano e suas relações com o meio social.

Após o estudo, fica claro para o profissional que trabalha em escola e que recebe uma criança já diagnosticada como surdo autista, é um desafio grande a ser superado. Simples práticas diárias podem fazer a diferença. Por isso, é fundamental que os educadores que atuam em instituições que atendem este público, reflitam sobre o atendimento a elas, dando continuidade à pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em

Semana de Pedagogia e Encontro de Pesquisa em Educação de Maracaju

13/10/2023.

BRASIL. **DECRETO N° 5.626 DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005.** Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399>>. Acesso em 13/10/2023. BRASIL.

BRASIL. **LEI N° 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em 29/09/2023.

CAVALCANTI, M. C. **Estudos sobre a educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil.** Delta, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 385-419, 1999.

CALADO, M. A. F. **Metodologia da Pesquisa Científica na Prática.** Olinda: Livro Rápido, 2012.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2002. JORNAL INCLUSIVO. Brasil pode ter 6 milhões de autistas. Entenda o porquê.

SALVADOR, Silvana M.F; KUMADA, Kate M.O.; MARSURA, Nivea R.; BENITEZ, Priscila. Escolarização de estudantes surdos com autismo. **Revista Inclusão & Sociedade.** v. 2. n. 1. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/2175-35392020217841> > Acesso em 13/10/2023.

SKLIAR, C. Bilinguismo e biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais da educação de surdos. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, n. 8, p. 44- 57, maio/jun./jul./ago. 1998. Disponível em: < toreded.org/wp/wpcontent/uploads/Carlos-Skliar-1998.pdf>. Acesso em 23/09/2023.

SILVA, Hevelyn Jordanne Rios da; PASSETO, Rafaela Dantas; BARCELOS, Lorena Bernardes. Contribuições do Método ABA para a criança autista nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista da Graduação UNIGOIÁS.** Jan/Jun – 2022. v. 3. n. 1. Disponível em: < <https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/Artigo-1-3.pdf>>. Acesso em 13/10/2023.

TAVARES, Cristóvão; SAMPAIO, Caroline Sianlien; ATHERINO, Tania Maria Marinho; TEACCH, Ciriaco. Rev. CEFAC 11 (supl 2). 2009. **Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no programa KWEE.** Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/fsDFTjzx7ZYmsQPvbsH39Vb/abstract/?lang=pt>> Acessado em 29/09/2023.